

STAROBINSKI, J. *Montaigne*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

No prefácio de seu livro, Starobinski convida seu leitor a acompanhar alguns movimentos do pensamento de Montaigne com base no que denomina "ato inicial", simultaneamente reflexivo e existencial, de distanciamento do mundo. Distanciamento necessário, dado o mascaramento do *ser* pela *aparência*, pois o culto à simulação - cujo retrato mais vigoroso encontramos nas *Ligações perigosas* de Laclos - deixa de constituir um estilo para passar a ser norma universal, em uma espécie de "rigorismo negativo", a antítese do rigorismo kantiano.

Assim, embora Starobinski trabalhe as questões abordadas nos *Ensaio*s, procurando retratar as idas e vindas que neles encontra, não é surpreendente que sua obra privilegie a polarização ser-aparência em suas possíveis manifestações: a vida e a representação teatral, os objetos e sua pintura, as coisas e as palavras, Deus e o homem.

Entretanto, nesse confronto ser-aparência, não basta denunciar a aparência, inclusive porque o discurso que a denuncia faz parte das armas que a própria aparência utiliza em sua defesa: Starobinski lembra que os manuais de oratória tinham como praxe o uso dessa estratégia psicológica para mais facilmente persuadir. O motor da reflexão de Montaigne não é, pois, a denúncia da aparência enquanto fim em si mesmo. O que impulsiona seu pensamento é a aspiração à verdade, ao ser, velado pela aparência. Isso implica afirmar que não há uma verdade dada *a priori* e que sequer há a certeza de que essa verdade possa ser determinada.

Ora, como concretizar o ato de recusa da aparência em função de uma aspiração ao ser? Para Starobinski, esse ato se dá pelo afastamento espacial, em retiro voluntário na casa senhorial, e filosófico, ao travar o combate contra as manifestações da simulação.

---

2. Departamento de Ciências da Educação - Faculdade de Ciências e Letras - UNESP - 14800-900 - Araraquara - SP.

A primeira conseqüência desse distanciamento social e filosófico será um voltar-se reflexivo em direção a si mesmo, ao *eu*, que no percurso de Montaigne traçado por Starobinski aparece como primeiro objeto na "ordem das razões" - que lembra de perto o percurso seguido na primeira das *Meditações* de Descartes, em que o distanciamento dos preconceitos, aliado ao método da dúvida radical, coloca o mundo sob suspeita.

O distanciamento do mundo e esse voltar-se em direção ao *eu* não significam, porém, uma recusa do mundo. Ao contrário, permitem a vida teórica, a vida contemplativa, não no sentido místico de voltar-se para Deus, mas de observar o mundo e estabelecer juízos comparativos entre o eu, tal como vai sendo desvelado, e o exemplo de vidas ilustres. Pela inexistência de verdades estabelecidas *a priori*, o exemplo ilustre assumirá o papel *regulador* que elas deveriam, em princípio, desempenhar, e a esperança de Montaigne é que, pela imitação, a repetição mecânica do bem-agir se tome uma segunda natureza. Por outro lado, além da imitação do exemplo poder ser prejudicada pelo risco da idealização do modelo e, portanto, da colocação do exemplo para além do alcance das forças humanas, nada garante que seja possível universalizar uma conduta individual, transformando-a em lei moral.

Esse problema surge em decorrência de um problema que o precede logicamente e que Montaigne deve enfrentar: como efetuar a passagem do eu para o *outro* sem alcançar a essência do eu? Se de início, para chegar à essência do eu, basta arrancar a máscara, ou melhor, evitar colocá-la, podemos também perguntar: quando terá fim o desmascaramento? Não haverá um número infinito de máscaras sobrepostas que ocultam o *eu* e mais, que são por ele mesmo produzidas? Os próprios movimentos do eu impedem sua figuração e, portanto, sua apreensão. Ora, no limite, embora não explicitada, a questão que Montaigne aqui enfrenta e é indiretamente referida por Starobinski é a da regressão infinita na determinação dos fundamentos do conhecimento. No caso específico da essência do *eu*, a solução que Starobinski propõe para o problema de Montaigne é "a aceitação do paradoxo, pela coexistência dos contrários, pela reconciliação da identidade e da alteridade" (p. 34).

Por um movimento surpreendente, a antinomia *ser-aparência* é dissolvida, ambos deixarão de ser os pólos opostos de uma contradição e cumprirão, complementando-se mutuamente, um papel conjunto na compreensão do mundo: por aspirar ao ser, deve-se interrogar a aparência.

Essa compreensão, entretanto, que teve seu ato inicial na aspiração à verdade, deve limitar-se a esse primeiro passo, pois "a verdade se furta ao homem à medida que sua inspeção dos fenômenos crê progredir" (p. 82). Disso resulta, de um lado, a constatação do caráter cético do pensamento de Montaigne que, entretanto, permite, por outro lado, encontrar uma certa positividade na aparência. Tendo a aparência sua dignidade restituída, nas relações intersubjetivas, por exemplo, ela pode tornar-se uma defesa do eu que o preserve em relação ao *outro*, que não o compreende porém o olha e profere um juízo de valor sobre ele. Inicialmente, então, o distanciamento se

impunha em relação à aparência por ocultar a essência do eu; agora, a aparência serve como instrumento do *eu* que, pelo distanciamento, o protege em relação ao outro.

Contudo, essa reconciliação com a aparência tem seu custo: o de voltar ao problema inicial de evitar que a aparência tome, embora por outro viés, o lugar do ser. Qual é para Montaigne a única solução possível? A humildade prudente do ceticismo.